



Resquícios: memórias de uma Manaus em suspensão

 Larissa Neves da Costa

Mestra em Antropologia Social (PPGAS/UFG)

Doutoranda em Antropologia Social - Universidade de Brasília (DaN/UnB)

larissa.nevsdacosta@gmail.com

Em agosto de 2020, durante a pandemia de COVID-19, fui convidada a trabalhar em Manaus. Mudei-me e vivi lá até fevereiro de 2021. Atuei em uma organização não governamental voltada à mitigação do vírus e seus impactos, por meio de ações comunitárias. Meu trabalho era de base, realizado nas ruas, em comunidades ribeirinhas, indígenas e nas periferias de Manaus, especialmente Cidade de Deus e Jorge Teixeira. Guardei por muito tempo os atravessamentos que se deram em meu corpo. Guardei, pois diante da imensidão dos acontecimentos, da violência da pandemia e da negligência do Estado, faltaram-me palavras. Somente agora, em 2025, sinto liberdade de traduzir essa experiência, que não pode permanecer apenas em minha memória. Como lembra Conceição Evaristo (2020), há vivências que pedem passagem pela escrita, e arrisco dizer também pela imagem: registrar em fotografia, é escrevivência, onde a memória deixa o silêncio e se torna testemunho.

Manaus respirava desigualdade. A ausência de corpos humanos nas ruas revelava a fragilidade das estruturas sociais, a precariedade em territórios marginalizados e a presença implacável de um vírus que se disseminava violentamente. Entre concreto e asfalto, casas e comércio vazios, a cidade se recolhia, e a vida cotidiana se adaptava ao medo, à perda e à incerteza. Beatriz Nascimento (1989) já nos alertava que os territórios, mesmo sob opressão, guardam forças de resistência. Essa potência estava inscrita também na geografia manauara, onde a ausência falava tão alto quanto a presença.

A natureza, por sua vez, respirava em outro compasso, revelando cores, luzes e sons que emergem quando o ritmo humano se retrai. A pandemia, devastadora, tornou-se lenta para enxergar os territórios e as vidas que dela emergiam, deixando marcas que não se apagam. E foi nessa natureza que meus olhos, a maior parte

das vezes, se voltaram. O esvaziamento da cidade e a rarefação da presença humana, trabalhadores em obras, ambulantes nas ruas, me fez ver, que a vida insiste, mesmo em cenários desiguais. Christina Sharpe fala de como, nas catástrofes que nos atravessam, seguimos respirando no vestígio (2023), essas imagens para mim, são esse vestígio. Minha forma de tecer o olhar sobre o silêncio, e revela a persistência do humano, mesmo quando parecemos invisíveis.

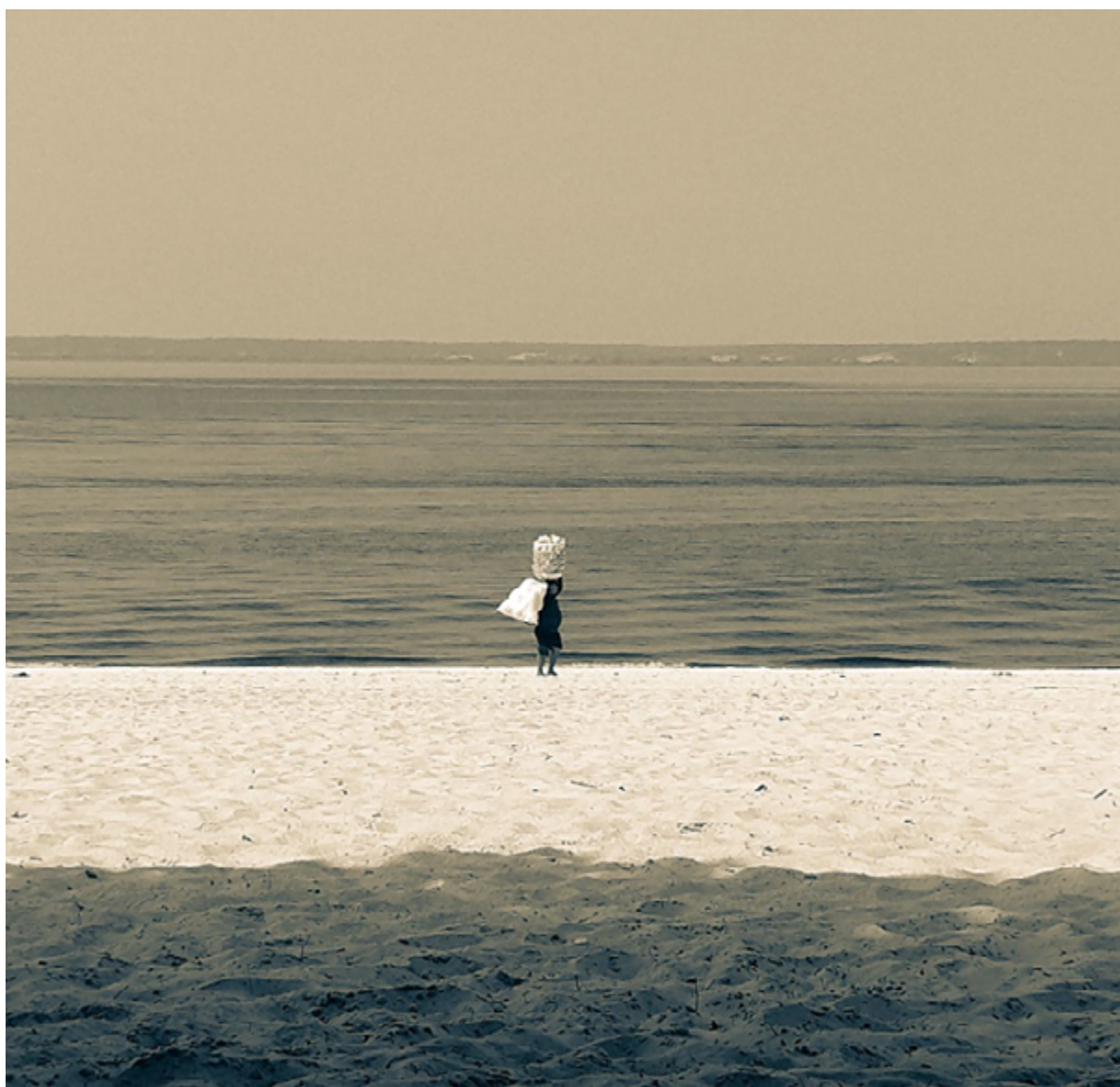


Imagem 1 - Vendedor Ambulante no Rio Negro. Setembro de 2020. Fonte: acervo pessoal da autora.



Imagem 2 - Rio Negro. Setembro de 2020. Fonte: acervo pessoal da autora.



Imagem 3 - Comunidade Ribeirinha sobre o Rio Amazonas. Janeiro de 2021. Fonte: acervo pessoal da autora.



Imagem 4 - Construção do Terminal Rodoviário na Avenida Constatino Nery durante a pandemia. Novembro de 2020. Fonte: acervo pessoal da autora.



Imagem 5 - Construção do Terminal Rodoviário na Avenida Constatino Nery durante a pandemia. Novembro de 2020. Fonte: acervo pessoal da autora.



Imagem 6 - Homem na Avenida Constatino Nery. Dezembro, 2020. Fonte: acervo pessoal da autora.



Imagem 7 - Pegue sua manga grátis, Jorge Teixeira, Etapa 4. Novembro de 2020. Fonte: acervo pessoal da autora.



Imagem 8 - Estrada para a Cidade de Deus. Dezembro de 2020. Fonte: acervo pessoal da autora.



Imagem 9 - Boteco do Amigos, Cidade de Deus. Novembro, 2020. Fonte: acervo pessoal da autora.



Imagem 10 - Barraca de Frutas na Cidade de Deus. Novembro de 2020. Fonte: acervo pessoal da autora.



Imagem 11 - Caramelo. Agosto de 2020. Fonte: acervo pessoal da autora.



Imagem 12 - Cais do Rio Negro. Agosto de 2020. Fonte: acervo pessoal da autora.



Imagem 13 - Embarcações. Janeiro de 2021. Fonte: acervo pessoal da autora.



Imagem 14 - Bananeira. Janeiro de 2021. Fonte: acervo pessoal da autora.

Referências

Evaristo, Conceição. **Da grafiadesenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Z Cultural, v. 3, n. 18, 2020.

Geber, Raquel (Direção); NASCIMENTO, Beatriz (Roteiro e Narração). **Ôrí**. Brasil. 1989. 93 min.

Sharpe, Christina. **No vestígio**: negridade e existência. São Paulo: UBU, 2023.